



**PARTE 4 – ENTREVISTA
AUGUSTO ABELAIRA**

AUGUSTO ABELAIRA

Márcio Serelle*

P.: *“Um grande escritor escreve sempre um mesmo romance”. Essa frase é do Sr., e foi citada numa outra entrevista. Qual romance de Augusto Abelaira é síntese de todos os outros?*

R.: Eu hoje, sem recusar essa frase, diria que escrevo dois romances. Quer dizer, numa certa perspectiva, vista da lua, eu direi apenas um. Mas, visto de mais perto, talvez seja mesmo possível dizer que escrevo dois. Na verdade, eu tenho duas visões do mundo: uma mais romanceada, de jogos de amor, e outra mais irônica, irrealista e fantasiosa. De um lado desse paradigma está o **Bolor**. Do outro lado poderíamos considerar, por exemplo, **O bosque harmonioso** ou **O único animal que...** Esses dois romances são uma tentativa de seguir por um caminho mais acentuadamente irônico, que pretende atingir uma utopia irônica. Já em **Bolor** eu não posso dizer que exista essa intenção. Tenho então esses dois pólos, esses dois estilos de romance, que não são procurados conscientemente, mas vão acontecendo.

P.: *O Sr. quer dizer que existe uma fórmula particular de cada escritor escrever um romance?*

R.: É isso mesmo que eu quero dizer. No fundo, aquilo que se escreve representa a visão de mundo de um autor. É o autor não tem, a princípio, duas visões do mesmo mundo. Pode, com a idade, alterar sua visão. Mas há uma visão profunda que fica para sempre. Portanto, quando eu digo que um escritor escreve apenas um romance, eu quero dizer que todo autor tem apenas um tema. E cada romance é apenas uma nova variação sobre este mesmo tema. É o mesmo que acontece na linguagem musical quando Beethoven, por exemplo, pega um único tema e desenvolve diversas composições.

Eu, pelo menos, sempre que chego a um momento em que percebo que verdadeiramente não soube desenvolver o meu tema, minha visão de mundo, considero que falhei na minha tentativa. Então termino o livro e começo a escrever outro romance por outro caminho, com outra modulação, para ver se exprimo de uma forma melhor esse meu tema. Talvez com outra variação eu o encontre finalmen-

* Jornalista, Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

te. Nesse sentido, cada romance que se acaba é a história de um fracasso. E cada romance que começa é a história de uma ilusão.

P.: *Observo um certo ranço em seus livros ao falar das áreas científicas. Normalmente são impiedosos com a psicanálise, brincam com estatísticas e dados científicos, ridicularizam as invenções tecnológicas etc. Qual a relação do Sr. com a ciência desenvolvida pelas escolas de Letras?*

R.: Eu sou uma das pessoas que não acreditam que exista a teoria literária (risos).

P.: *Então a crítica literária não tem nenhuma influência na sua obra?*

R.: A boa crítica literária sim.

P.: *Mas o que é a boa crítica literária?*

R.: É a que diz coisas que eu não tenha percebido. Coisas que aparentemente estavam lá, mas que eu, pelos menos conscientemente, não tinha posto lá. Como, por exemplo, quando os críticos escrevem sobre o significado dos nomes que escolhi para os personagens. É evidente que essas interpretações não são arbitrárias e têm argumentação. E, se tem argumentação, eu fico perplexo. Porque, você sabe, há mais coisas entre o céu e a terra... (pausa) Eu nunca fui ao divã. E nem irei. Pois o psicanalista poderia descobrir coisas que eu preferia não saber (risos). Com os críticos literários é a mesma coisa, ele vão descobrir elementos dentro do texto que eu, conscientemente, não havia construído.

P.: *Tanto em Bolor como em O bosque harmonioso temos uma narrativa fragmentada, onde diversas histórias vão surgindo de uma teia de narrativas que parece ser infinita. Como é seu processo criativo? Essas várias narrativas já são previstas em um escopo desde o início da história?*

R.: Não, escrevo à medida que escrevo. Ao falar nisso me lembro do Zola (1840-1902). O Zola fazia um plano e colocava um placar, em que antecipava tudo que iria se passar ou não no romance. Tudo já estava previsto desde o início. Mas eu não trabalho assim. E muito devido às circunstâncias: eu gosto de escrever nos cafés. E nos cafés às vezes vêm pessoas interromper. E elas sabem que podem interromper. Eu estou a escrever, no meio de uma palavra, e elas aparecem e eu já não consigo terminar. E então começamos a conversar. É evidente que o que eu vou escrever depois não é o que eu iria escrever antes das pessoas terem chegado. Mas, por vezes, a vinda das pessoas ao interromper-me é como a vinda de uma musa que apareceu. Um encontro com o destino que desviou aquilo que eu ia escrever porque já não me lembro o que ia escrever. E considero que é importante aceitar, na escrita, a interferência do acaso.

P.: *O Sr. pretende escrever mais textos para teatro?*

R.: Durante muito tempo pensei que o tipo de texto mais irônico eu só saberia fazer

sob forma teatral. E tanto **A palavra é de ouro**, como **O nariz de Cleópatra** seriam isto. Mas percebi que a minha maneira não era teatral, que eu não era um autor teatral. E no final das contas eu poderia ter escrito muito melhor esses dois livros se tivesse feito romances e não peças teatrais.

P: *Fale agora um pouco sobre o título do seu romance mais recente, **Outrora agora**, que presta uma homenagem a Fernando Pessoa. Por que o Sr. escolheu esse verso especificamente?*

R.: Esse verso me diz muito. Era eu menino e gostava, por exemplo, do Guerra Junqueiro (poeta português, 1850-1923) e outros poetas clássicos. E meu pai um dia resolveu ler-me uma poesia. E essa poesia terminava com este verso: “Com que ânsia tão raiva/ quero aquele outrora/ Eu era feliz?/ Não sei/ Fui-o outrora agora”. “Outrora agora”. Isso me causou uma profunda impressão. Mas eu não percebi na época. Eu era criança e “outrora agora” não tinha nada a ver com toda a literatura, com toda a poesia que eu tinha lido na minha vida. Jamais algum autor anterior, pelo menos que eu conhecesse, teria escrito algo semelhante a “outrora agora”.

P: *Foi seu primeiro contato com Fernando Pessoa?*

R.: Sim. Eu tinha catorze anos e isso provocou uma ruptura na minha história de leitor influenciado.

P: *No início de **O bosque Harmonioso**, há a história da Tareja que se parece com as histórias contadas nos romances de Camilo Castelo Branco. Seja pela ironia presente no texto, pelo tema recorrente da traição ou ainda pelos personagens enganadores que acabam sendo enganados. O Sr. reconhece essa influência?*

R.: Eu aceito, se os críticos dizem, portanto aceito. Mas não reconheço. Porque não sou um admirador de Camilo Castelo Branco.

P: *Por que não?*

R.: Porque não. Eu não sou crítico literário para dar explicações. Eu poderia dizer que é um problema de Sport ou Benfica (dois times do futebol português) ou Botafogo e Flamengo. E em termos portugueses eu sou do lado do Eça. Mas o que eu posso garantir? Eu li Camilo também.

P: *Há nos seus livros um certo descrédito nas relações humanas, que perpassa os laços sociais em geral até as relações amorosas que são freqüentemente questionadas. O Sr. se considera uma pessoa cética?*

R.: É muito difícil dizer. Esse problema, muitas vezes, até eu próprio me coloco. É muito complicado responder. Minha visão é cética, mas é ainda mais cética quando não é cética. Eu posso dizer que talvez seja cético a curto prazo e otimista a longo prazo. Admito que isto, nos próximos anos, continuará mal, mas é possível que

no futuro venham umas manhãs radiosas. E, no fundo, se eu não acreditasse nisso, antes de 25 de abril (refere-se ao 25 de abril de 1974, data do golpe que derrubou o regime salazarista) eu não tinha tido uma pequena intervenção política. É realmente complicado responder a isso. Mas pode-se dizer que eu pertença à linha dos filósofos cétricos, à linha, digamos, do Montaigne, do Voltaire, dos empiristas ingleses. Os autores que tiveram grande importância na minha formação, como por exemplo Aldous Huxley, eram cétricos. Bem que Huxley é discutível porque até acaba por entrar numa visão mística. Porém mais influentes do que os romancistas para uma visão do mundo em mim foram os não-romancistas.

P: *N'O triunfo da Morte, existe uma atmosfera de artificialidade, onde tudo parece ser cuidadosamente construído. Os elementos factícios vão desde o suco de burujandu à carne de pterossauro. Tudo isso parece denunciar a estética da literatura de consumo rápido...*

R.: Não só a estética literária mas também toda a sociedade, que alcançou, de fato, um estágio mercantilista. Digamos que o suco de burujandu, em grande parte, tem algo a ver com a Coca-Cola.

P: *O Sr. é um best-seller?*

R.: Não. Os meus romances não são de consumo fácil. O meu leitor é um leitor que passou pela universidade. E também não é todo o leitor que passou pela universidade que gosta de mim.

P: *Soube que o Sr. anda interessado pelo estudo da antropologia e da história. Por que a atenção para esses assuntos?*

R.: Porque a antropologia, a história e a etnologia dizem que o homem veio da bicharada. E utilizo essas informações ao escrever os livros. É por isso que, nos meus romances, eu brinco com os macacos. Recentemente, li com muita atenção os estudos de primatologistas americanos que pesquisaram chimpanzés e chegaram à conclusão de que as macacas são mais inteligentes que os macacos. Os cientistas ensinaram os macacos a falar. Eu utilizo o nome Washel, que era o mesmo nome de uma macaquinha do projeto. **N'O bosque harmonioso** também brinco com o nome do antropologista Gardner, responsável por essas experiências. E com Levi-Strauss e Foucault, dando seus nomes aos macacos.

P: *E qual a relação entre O bosque harmonioso e O boosco deleitoso?*

R.: Isso é com os críticos.

P: *Então não houve uma intenção, ou pelo menos consciência de se fazer essa relação entre as duas obras?*

R.: Eu só fui ler **O boosco deleitoso** depois de ter escrito **O bosque harmonioso**. Mas o título do meu romance certamente veio desse outro livro. Entretanto, eu

ainda não tinha lido **O boosco deleitoso**. Eu estava a escrever o meu livro, e o título, num dado momento, apareceu. Mas depois fui ler **O Boosco deleitoso** e confesso que, de fato, tirei uma ou duas frases do livro e coloquei no meu romance. E no final da trama d'**O bosque harmonioso** há realmente algumas coisas d'**O boosco deleitoso**, que um leitor atento, que leu os dois romances até o fim, irá perceber.

P: *Então a ligação entre os dois romances não é só com os críticos.*

R.: É...

P: *Que escritores brasileiros o Sr. conhece?*

R.: São brasileiros que tiveram grande influência na literatura portuguesa entre 1945 a 1955. Eu era jovem e esses escritores eram lidos não só em Portugal, mas também em outros países. E fizeram ótimas obras. Li José Lins do Rego, Jorge Amado... E Érico Veríssimo, que era um pouco diferente mas também era muito lido. O Jorge Amado que li é o primeiro Jorge Amado, de **Jubiabá**, **Terras do Sem Fim**, **Cacau**... O segundo Jorge Amado eu não li. Agora escritores brasileiros vivos eu só li Lygia Fagundes Telles. Isso falando de romancistas, porque poetas eu suponho que alguns ainda são vivos.

P: *O Drummond o Sr. conheceu bem...*

R.: Sim, mas depois de Manuel Bandeira. O maior poeta brasileiro é Manuel Bandeira. Gosto também do Murilo Mendes.

P: *Cecília Meireles?*

R.: Sim Sr. Ela publicava bastante antigamente. Depois lembro, perfeitamente, de meu pai ter comprado o **Cancioneiro do ausente**. Eu também li um outro poeta brasileiro que é um poeta menor, e que os brasileiros não sabem quem é e se chamava River Couto. E, é claro, o Cabral de Melo Neto.

P: *E dos autores contemporâneos em Portugal?*

R.: Não tenho lido muito. Do Saramago, só li o terceiro, **O memorial do convento**. Dentro daquela minha tese de que os livros são variações de um mesmo tema, eu escolho apenas um de cada autor para ler. Até dos grandes autores eu conheço só um livro. No dia que estiver que ficar em casa, doente e já paraplético, eu terei mais tempo para ler (risos). Mas eu sou pessimista acerca da literatura contemporânea, e por isso não quero perder tanto tempo com esses livros. E espero que quando tiver oitenta anos eu possa ainda ler grandes livros. Um autor, por exemplo, por quem eu sou apaixonado, é o Dostoievski. E eu ainda não li, mas já está na estante, uma das suas obras máximas que é **O idiota**.

08/05/96